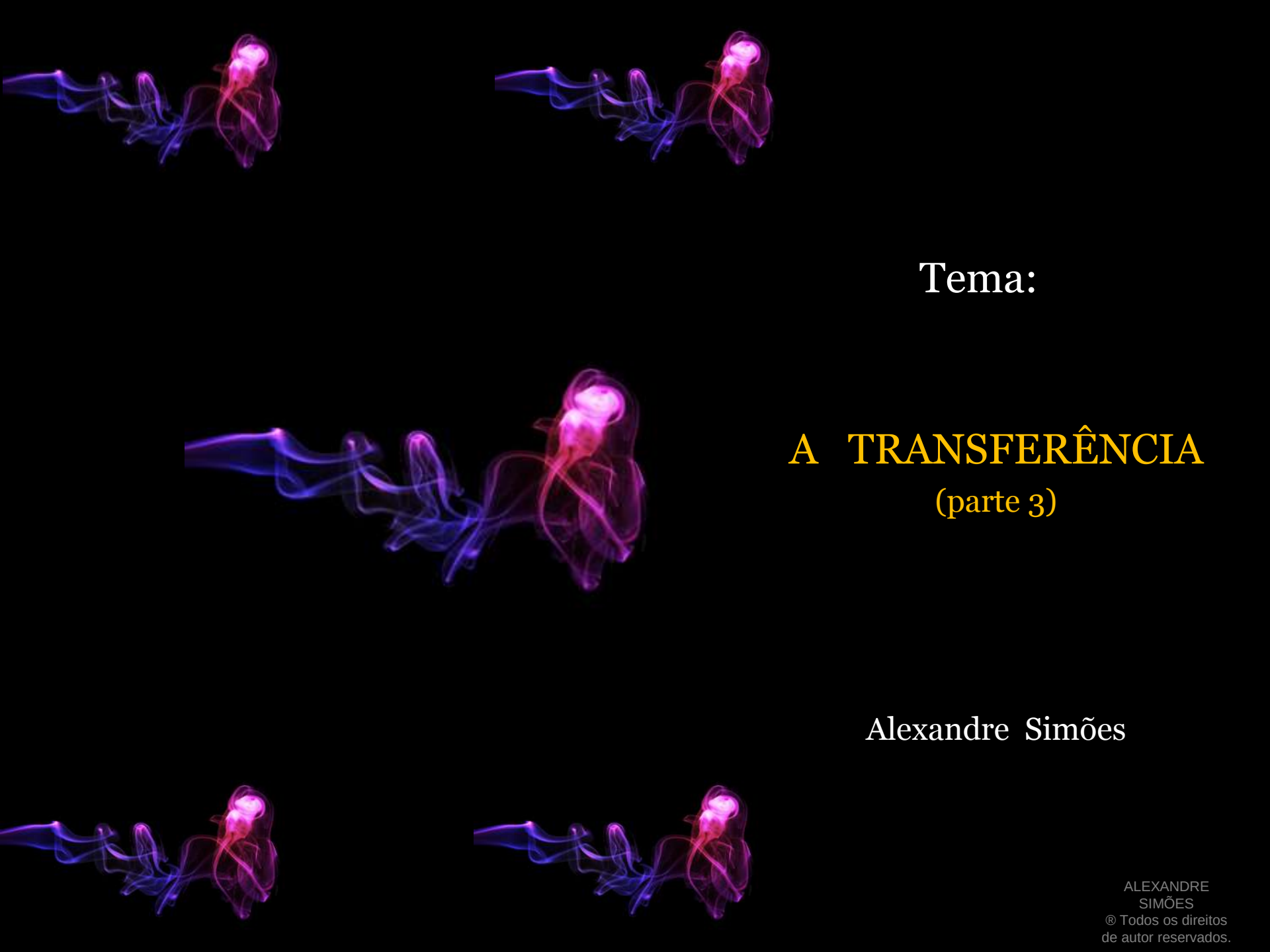


The slide features four decorative elements in the corners, each consisting of a trail of blue and purple smoke or vapor that culminates in a bright, glowing pinkish-purple orb. These elements are arranged symmetrically, with two in the top-left and top-right corners, and two in the bottom-left and bottom-right corners.

Tema:

A TRANSFERÊNCIA

(parte 3)

Alexandre Simões

O sentimento mais perigoso para um psicanalista é a ambição terapêutica

(FREUD. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, p. 153)



A ambição educativa é de tão pouca utilidade quanto a ambição terapêutica

(FREUD. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, p. 158)

O manejo da transferência



“Todo principiante em psicanálise provavelmente se sente alarmado, de início, pelas dificuldades que lhe estão reservadas quando vier a interpretar as associações do paciente e lidar com a reprodução do recalcado. Quando chega a ocasião, contudo, logo aprende a encarar estas dificuldades como insignificantes e, ao invés, fica convencido de que as únicas dificuldades realmente sérias que tem de enfrentar residem no manejo da transferência.”

(FREUD. *Observações sobre o amor transferencial*, p. 208)

Os fenômenos da transferência não devem ser tomados pelo psicanalista em referência ao seu próprio narcisismo:

“Ele [o psicanalista] deve reconhecer que o enamoramento da paciente é induzido pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa; de maneira que não tem nenhum motivo para orgulhar-se de tal ‘conquista’ como seria chamada fora da análise. E é sempre bom lembrar-se disto.”

(Observações sobre o amor transferencial, p. 210)

Mais detalhes sobre a intensificação da ‘transferência erótica’

“Por mais dócil que tenha sido até então, ela [a paciente] repentinamente perde toda a compreensão do tratamento e todo interesse nele, e não falará ou ouvirá a respeito de nada que não seja o seu amor, que exige que seja retribuído. Abandona seus sintomas ou não lhes presta atenção; na verdade, declara que está boa.”

(Observações sobre o amor transferencial, p. 211)



É uma situação desta ordem (o amor como imperativo; a “exigência do amor”) que conduzirá Lacan a propor a tese do **‘fechamento do inconsciente’**

O analista deve estar atento aos descaminhos que são propiciados por esta situação: “Nenhum médico que experimente isto pela primeira vez achará fácil manter o controle sobre o tratamento analítico e livrar-se da ilusão de que o tratamento realmente chegou ao fim.”

(Observações sobre o amor transferencial, p. 211)

A “exigência do amor” de transferência tensiona o analista para fora de sua posição (cf. *Observações sobre o amor transferencial*, p. 212) :

Recomendação freudiana: o analista não deve recuar diante da transferência:

“Seria exatamente como se, após invocar um espírito dos infernos, mediante astutos encantamentos, devêssemos mandá-lo de volta para baixo, sem lhe haver feito uma única pergunta.” (*Observações sobre o amor transferencial*, p. 213)

Qual a direção a ser dada a esta situação clínica? O ‘manejo da transferência’ é a forma como Freud argumenta sobre este problema



“Já deixei claro que a técnica psicanalítica exige do médico que ele negue à paciente que anseia por amor a satisfação que ela exige. O tratamento deve ser levado a cabo na abstinência.”

(Observações sobre o amor transferencial, p. 214)

Freud recorre a um chiste para ilustrar o que se passaria caso o trabalho da análise não prosseguisse:

“O que aconteceria ao médico e à paciente seria apenas o que aconteceu, segundo a divertida anedota, ao pastor e ao corretor de seguros. O corretor de seguros, livre pensador, estava à morte e seus parentes insistiram em trazer um homem de Deus para convertê-lo antes de morrer. A entrevista durou tanto tempo que aqueles que esperavam do lado de fora começaram a ter esperanças. Por fim, a porta do quarto do doente se abriu. O livre pensador não havia sido convertido, mas o pastor foi embora com um seguro.”

(Observações sobre o amor transferencial, p. 215)



“É, portanto, tão desastroso para a análise que o anseio da paciente por amor seja satisfeito, quanto seja suprimido. O caminho que o analista deve seguir não é nenhum destes; é um caminho para o qual não existe modelo na vida real. Ele tem de tomar cuidado para não afastar-se do amor transferencial, repeli-lo ou torná-lo desagradável para a paciente; mas deve, de modo igualmente resoluto, recusar-lhe qualquer retribuição. (...) Quanto mais claramente o analista permite que se perceba que ele está à prova de qualquer tentação, mais prontamente poderá extrair da situação seu conteúdo analítico.” (*Observações sobre o amor transferencial*, p. 216)



Todavia, esta operação tem um limite



“Existe, é verdade, determinada classe de mulheres com quem esta tentativa de preservar a transferência erótica para fins do trabalho analítico, sem satisfazê-la, não logrará êxito. Trata-se de mulheres de paixões poderosas, que não toleram substitutos. São filhas da natureza (...). Com tais pessoas, tem-se de escolher entre retribuir seu amor ou então acarretar para si toda a inimizade de uma mulher desprezada. Em nenhum dos casos se podem salvaguardar os interesses do tratamento. Tem-se de bater em retirada, sem sucesso, e tudo o que se pode fazer é revolver na própria mente o problema de como é que uma capacidade de neurose se liga a tão obstinada necessidade de amor.” (*Observações sobre o amor transferencial*, p. 216)



Quanto ao manejo da transferência, vale lembrar o que demarca mais amplamente o itinerário de uma análise:



“... O que desejamos ouvir de nosso paciente não é apenas o que ele sabe e esconde de outras pessoas; ele deve dizer-nos também o que *não* sabe.”

(FREUD. *Esboço de psicanálise*, p. 201)



Nos momentos em que uma paciente diz explicitamente estar envolvida com o seu psicanalista, a interpretação (no sentido tradicional do termo) parece insuficiente para dar conta da situação.

As palavras perdem seu poder evocativo e são tomadas como indicadoras de aceitação ou rejeição.

É nessa acepção que o amor de transferência foi proposto por Freud como transferência negativa, como resistência.

Notemos: a subjetividade do analista está aqui particularmente em jogo. Supondo que ele próprio não se veja envolvido, é no mínimo exigido dele uma resposta comprometida/implicada, na qual a isenção parece encontrar seus limites.

Quais são os movimentos ou estratégias que promovem o manejo da transferência?

Fundamentalmente, compete ao analista apresentar-se de forma mais intensa bem como, quando necessário, ausentar-se:

- O intervalo entre as sessões;
- O tempo de duração da sessão;
- A função do corte interpretativo;

Prosseguiremos na próxima aula!

Prof. Alexandre Simões

Contatos:

www.alexandresimoes.com.br

alexandresimoes@terra.com.br